

# Fantástico: estratégia de questionamento dialético da realidade

Sayuri Grigório Matsuoka<sup>2</sup>

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Ana Marcia Alves Siqueira<sup>3</sup>

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Marisa Martins Gama-Khalil<sup>4</sup>

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

*O fantástico instaura a desrazão na medida em que ultrapassa a ordem e a desordem e que o homem percebe a natureza e a sobrenatureza como marcas de uma racionalidade formal. Assim ele se alimenta inevitavelmente das realia, do cotidiano, do qual releva os desatinos, e conduz a descrição até o absurdo, ao ponto em que os próprios limites, que o homem e a cultura atribuem tradicionalmente ao universo, já não circunscrevem nenhum domínio natural ou sobrenatural, porque, invenções do homem, eles são relativos e arbitrários.*

(BESSIÈRE, 2012, p. 307)

Desde o início de sua história, a humanidade traz consigo mistérios e indagações que o desenvolvimento das ciências e das tecnologias não foi ainda capaz de solucionar ou responder satisfatoriamente. Questões sobre a morte, ou a possibilidade de vida após a morte, ou de vida em outros planetas e dimensões, ou de existência de outras formas de vida, são exemplos básicos. Ainda há muitas dúvidas relacionadas à

---

<sup>2</sup> Doutora em Literatura Comparada. Professora bolsista da Especialização em Semiótica Aplicada à Literatura e Áreas afins da Universidade Estadual do Ceará

<sup>3</sup> Doutorado em Literatura Portuguesa pela USP (2007). É professora Associada do Departamento de Literatura e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará e coordenadora do grupo Vertentes do Mal na Literatura.

<sup>4</sup> Doutora em Estudos Literários pela UNESP (2001), é docente da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), onde atua na graduação em Letras, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários e no Mestrado Profissional em Letras. É líder do Grupo de Pesquisas em Especialidades Artísticas/CNPq, pesquisadora Produtividade em Pesquisa – CNPq e membro do GT da ANPOLL Vertentes do Insólito Ficcional. Realizou o Estágio Sênior Pós-Doutoral na Universidade de Coimbra com projeto contemplado com bolsa CAPES.

humanidade e ao mundo circundante. Nesse campo do desconhecido, impulsionado por dúvidas e sede de conhecimento, surge na literatura o trabalho com o insólito, o inusual. Esse fenômeno imiscui-se na sociedade e desliza pelo cotidiano, ampliando o mistério sobre a existência de seres e acontecimentos que estão além daquilo comumente nomeado de realidade concreta ou realidade empírica. Esses seres – míticos e/ou imaginários – não sucumbiram ao progresso da sociedade, uma vez que encontram espaços de inquietude e dúvida nesse processo. Fantasmas, bruxas, vampiros, espíritos, espectros, monstros e, mais recentemente, clones, robôs, seres desconhecidos, extraterrestres e figuras virtuais são as mais assíduas personagens dos mundos recriados na literatura fantástica. A temática é tão antiga quanto rica e perpassa todos os continentes do globo terrestre, aliando a experiência artística às manifestações espontâneas populares. Dessas combinações resultam obras sobre as quais os estudos literários se voltam, enriquecendo suas possibilidades de sentido, tendo em vista que o estilo e os temas destas constituem *corpora* dinâmicos, variados e intrigantes cujos enredos surpreendem e renovam as estratégias de suspense e mistério, escapando ao universo do livro e chegando a séries como *Black Mirror*, cujos argumentos são construídos a partir de questões tecnológicas.

Dessa forma, a proposta de discutir o universo fantástico apresenta-se desafiante, afinal, esse gênero, modo ou recurso literário, segundo buscamos sintetizar no título **De Canterbury a Black Mirror – Trajetórias e Vertentes da Narrativa Fantástica**, percorreu muitas épocas; de textos da Antiguidade e da Idade Média ao *status* alcançado no século XIX, especialmente com o Romantismo, que ampliou seu repertório, para posteriormente se reconfigurar com as novas condutas da contemporaneidade. Não bastasse essa amplitude temporal, a dubiedade perpassa também definição (ou definições?) e escopo.

Com a epistemologização dos estudos literários, no século XX, teorias surgiram para descrever, interpretar a partir de pressupostos metodológicos específicos, e analisar essas narrativas, conforme suas estratégias de composição, em que sopesem o real e o irreal. Entretanto, ao longo dos últimos cinquenta anos, críticos e estudiosos do tema têm encontrado dificuldade em chegar a um acordo se essa produção literária

constitui um gênero literário, um modo<sup>5</sup> ou uma tendência, assim como suas confluências históricas e evolutivas estimularam uma confusão persistente de termos. Esta é outra dificuldade em relação ao que pode ser considerada uma narrativa fantástica: há diferentes subcategorias ou gêneros com os quais o fantástico partilha perspectivas limítrofes ou características e recursos estéticos, resultando em diversidade de termos, como maravilhoso, estranho, realismo maravilhoso ou realismo mágico e, mais recentemente, realismo animista.

Todorov, em 1970, publicou *Introdução à literatura fantástica*, tornando-se um dos autores inaugurais da crítica sobre o assunto. Embora apresente alguns pontos em comum com estudos anteriores<sup>6</sup>, especialmente o conceito de gênero levantado inicialmente por Louis Vax, sistematiza suas concepções sobre o fantástico segundo o método estruturalista de análise literária, buscando descobrir “uma regra que funcione para muitos textos e nos permita aplicar a eles o nome de ‘obras fantásticas’” (TODOROV. 1992, p. 8). O teórico búlgaro centra sua teoria na necessidade de hesitação experimentada pelo leitor, e/ou personagens e narratário, definindo o fantástico em relação aos dois gêneros vizinhos: maravilhoso e estranho.

A despeito de imprecisões nos postulados de Todorov, sua obra é considerada fundadora e segue como referência inicial para o estudo do fantástico. Porém, desde sua publicação, diversos estudiosos criticaram, expandiram e aprimoraram essas conceituações, resultando em uma literatura crítica relativamente extensa. A maioria desses estudos posteriores critica devidamente a perspectiva muito restritiva.

Quatro anos depois, em 1974, Irène Bessière publicou um dos primeiros estudos a propor a falibilidade da noção de gênero para a definição do fantástico. Para ela, a literatura fantástica não deve ser entendida como gênero literário, porque essa perspectiva limitaria a diversidade de obras construídas a partir de variadas formas que articulam a incerteza e o mistério. Assim, o fantástico se organiza como um modo constituído por intermédio de formas e temáticas cujo fito é incitar a incerteza. O subtítulo do livro em que Bessière (1974) reflete sobre a literatura fantástica aponta para essa concepção: *la poétique de l'incertain*. E essa incerteza é gerada por uma impossibilidade de decifração. Desde então, a crítica tem sido dividida entre os

<sup>5</sup> Para mais informações sobre essas perspectivas ver Gama-Khalil (2013).

<sup>6</sup> A obra *A literatura fantástica: caminhos teóricos*, de Ana Luísa Camarani (2014) realiza uma detalhada análise do percurso histórico dos estudos críticos sobre o fantástico, dos primeiros textos até a atualidade.

postulantes do fantástico como gênero ou do fantástico como modo ou modalidade literária, embora essa divisão não seja imutável e sofra oscilações. Filipe Furtado, por exemplo, em seu livro intitulado *A construção do fantástico na narrativa* (1980) adota a perspectiva do gênero, porém, mais recentemente assina os dois verbetes sobre o tema, Fantástico (Gênero) e Fantástico (Modo), no *E-dicionário de Termos Literários*, organizado por Carlos Ceia<sup>7</sup>. Essa duplicidade também é expressa por Adolfo Bioy Casares (2009), ainda que, no Prólogo da *Antología de la Literatura Fantástica*, fale de gênero referindo-se à literatura fantástica, seus argumentos sobre as especificidades desta indicam uma perspectiva modal. Já Remo Ceserani (2006) discute o fantástico como um modo ou modalidade literária.

Por outro lado, críticos contemporâneos têm apresentado uma perspectiva mais abrangente que parte da óptica do gênero, mas não se restringe a ele por privilegiar uma abertura interpretativa necessária às obras dentro de uma dada época e em um dado contexto cultural. Da complexidade do contexto cultural surgem as denominações “realismo maravilhoso” e “realismo mágico”, consagradas nas literaturas latino-americanas, cuja definição, conforme Irlemar Chiampi (1980, p. 32), nasce da “união de elementos díspares procedentes de culturas heterogêneas, configura uma nova realidade histórica, que subverte os padrões convencionais da racionalidade ocidental”. Por sua vez, a denominação “real maravilhoso”, relativa também à perspectiva cultural, foi desenvolvida por Alejo Carpentier, ao longo de sua produção, e está “vinculada a uma percepção e uma experiência maravilhosas da realidade” (GAMA-KHALIL, 2020). Seguindo esse mesmo raciocínio, a expressão “realismo animista” denomina melhor o fenômeno nas literaturas africanas, nas quais “o que parece ‘mágico’ e ‘fantástico’ (categorias de uma crítica europeia, ocidental) faz parte do animismo característico de uma visão africana da existência”, segundo esclarece Carmen Tindó Secco (2001. p. 26), na apresentação da obra *Mãe, materno mar* do angolano Boaventura Cardoso.

A causa dessa variedade de concepções também parte da intenção de essas teorias objetivarem abranger o fantástico dentro de uma terminologia, o que acaba por generalizar o entendimento deste. Conforme assinala o crítico David Roas (2014, p. 26),

---

<sup>7</sup> Os verbetes apresentam a data de 26 de dezembro de 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/fantastico-modo/> e <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/fantastico-genero/>.

o principal objetivo, em uma época de constantes mudanças, não deve ser definir, mas compreender a construção e as possibilidades do fenômeno literário, visto que há um grande número de definições e teorias que, consideradas em conjunto, embora muitas sejam excludentes entre si por somente aplicar princípios e métodos de uma determinada corrente crítica, poderiam servir para lançar luz a uma grande quantidade de aspectos do fantástico. Por fim, Roas salienta o caráter movente do fantástico literário, passível de variação conforme a época, a cultura, e o autor ainda que conserve traços distintivos. Em suas palavras:

O fantástico se constrói a partir da convivência conflituosa que se produz entre o real e o impossível. E a condição de impossibilidade do fenômeno fantástico se estabelece, por sua vez, em função da concepção do real com que lidam tanto o personagem quanto os leitores: o impossível é aquilo que não pode ser, aquilo que é inconcebível (inexplicável) de acordo com essa concepção. O objetivo do fantástico é, em suma, a transgressão dos parâmetros que regem a (ideia de) realidade do leitor. (ROAS, 2014, p. 163)

Para o pesquisador, o fantástico é o melhor recurso para expressar de forma simbólica a ameaça que pressupõe a perda da familiaridade com o real, gerando inquietude e estranheza tanto nos personagens quanto em quem lê.

Essa nova perspectiva avança ao unir texto e contexto como importante critério na configuração do fantástico e possibilita uma amplitude de horizonte. Para Roas (2014), assinalar o contexto social do leitor como critério necessário na configuração do fantástico é caracterizar algo que lhe é próprio, instaurando uma ruptura que põe em conflito a ideia de realidade instituída culturalmente.

A ampliação do escopo do fantástico representado por teorias mais recentes possibilita também que análises dessas narrativas passem a convergir com estudos relacionados a outras tendências e perspectivas como o gótico, o horror, o terror e a ficção científica. Por conseguinte, torna-se mais viável compreender o fantástico como um efeito estético, um recurso ao qual o autor lança mão, já que o interesse está nos recursos e efeitos que a construção da linguagem gera na obra literária e como essas incidem na leitura.

Importa salientar que consideramos circular o processo de recepção do texto literário, ou seja, o leitor cria hipóteses conforme sua experiência de cultura e de leitura, tal repertório retorna para o texto e estabelece possíveis implicações de interpretação da obra. Assim, nesse processo, a construção do fantástico atua na transgressão dos

parâmetros que regem a ideia de realidade empírica do leitor.

A narrativa fantástica funciona, portanto, como um recurso estético propício à abertura semântica que questiona a noção de realidade, isto é, a concepção de realidade ancorada no racionalismo materialista. Ela leva à reflexão sobre o real e ao alargamento de fronteiras e perspectivas, em virtude de o recurso ao fantástico funcionar como ruptura crítica, de recusa ao mundo rotineiro estreito e opressor e apontar para as possibilidades de quebra de paradigmas, em razão de a modernidade e o desenvolvimento científico do século XX revelarem a impossibilidade de se acreditar em uma realidade única e imutável, que passou a ser vista, de certo modo, como indecifrável, porque não há mais uma única maneira de compreendê-la.

O universo passou a ser incerto, relativo, diante do questionamento de verdades gerais e absolutas; portanto, parece não mais haver modo de transgredir essa incerteza. O fantástico acompanha esse movimento, passando a ser repensado, em virtude de se caracterizar sempre por uma relação dialética com o real, acompanhando as mudanças estabelecidas na concepção de realidade do senso comum e dialogando com a perspectiva contemporânea, segundo a qual, o vínculo entre realidade e fantástico salienta as relações problemáticas instituídas entre linguagem e realidade<sup>8</sup>. Dessa forma, o texto excede a linguagem para transcender o real admitido.

Seja qualquer uma dessas percepções, o que se entende como *fantástico* para este dossiê acolhe, enquanto determinação genérica, todos esses outros nomes, ou, segundo assinala Irène Bessière (1974), como um relato polivalente que resulta de muitos pressupostos metodológicos ou conceituais. Destarte, neste número temático da revista *Entrelaces*, aparecem preciosas contribuições para a atividade interpretativa desse gênero.

O artigo de Ana Paula Araújo dos Santos, intitulado **A figuração fantástica em *A Rainha do Ignoto***, ressalta o pioneirismo da escritora cearense Emília Freitas. Considerado o primeiro romance fantástico publicado no Brasil, o livro apresenta uma série de argumentos imaginativos que provocam discussões sobre o desempenho do papel da mulher na sociedade do final do século XIX. A riqueza desta temática e os recursos estéticos empregados possibilitam que esse romance de Emília Freitas seja

---

<sup>8</sup> As ideias deste parágrafo e do anterior foram parcialmente desenvolvidas em artigo relativo ao uso do recurso fantástico por Saramago (Cf. SIQUEIRA, 2018, p. 113-114).

contemplado por mais um artigo elencado no dossiê. Dessa vez, Adrianna Alberti e Fábio Dobashi Furuzato, em **Transgressão feminina: Emília Freitas e a transgressão da realidade através da narrativa fantástica**, direcionam seu estudo para o tema da transgressão feminina, visivelmente presente na obra.

A questão feminina reaparece no trabalho de Daniele Aparecida Pereira Zaratin: **As personagens femininas em “Tlactocatzine, del jardín de Flandes” e “La buena compañía”, de Carlos Fuentes: constante desvendar de outras realidades**. Aqui, avalia-se o espectro realista mágico, manifestado sobretudo na literatura latino-americana que se produziu a partir da década de 1950 e que tem Fuentes como um de seus maiores expoentes. O gótico fecha o bloco dos textos relacionados ao feminino. *Margarida La Rocque: a ilha dos demônios* é a obra de Dinah Silveira de Queiroz escolhida por Ana Cristina Steffen para expor questões acerca de um gênero que se configura no limiar entre o fantástico, o estranho, o gótico e o gótico feminino no trabalho **O fantástico e o gótico em Margarida La Rocque: a ilha dos demônios**.

Por sua vez, o inquietante conto “Carta a uma senhorita em Paris”, de Julio Cortázar, é observado por Midori Nancy Arasaki Chang, no artigo **A ameaça do fantástico em Carta a uma senhorita em Paris**, sob a perspectiva da inquietação e da insegurança gerados pela instabilidade do real diante do fantástico, tal como o disposto por David Roas no seu conhecido estudo sobre o gênero. Em seguida, **Brevidades sobre o multifacetado Imbert**, de Maria Bevenuto Sales de Andrade e Maria Aparecida da Costa, analisa o processo de estetização dos elementos fantásticos realizado pelo escritor e ensaísta argentino Enrique Anderson Imbert.

O sétimo estudo traz a literatura de cordel como expressão em que crítica social e fantástico se unem para dar corpo a reflexões morais. **O Fantástico como Denúncia do Real: uma Abordagem no Cordel nordestino**, artigo de Stélio Torquato Lima, investiga o tema nos cordéis *História de Roberto do Diabo* (Leandro Gomes de Barros), *A moça que bateu na mãe e virou cachorra* (Rodolfo Coelho Cavalcante), *O homem que falou com o Diabo em Juazeiro* (João de Cristo Rei) e *O pastor que virou bode* (Antônio Araújo de Lucena). Igualmente embebido na tradição cultural brasileira, o ensaio de Ivson Bruno da Silva e Luciane Alves Santos, intitulado **O fantástico em Pernambuco: leituras do espaço em “Assombração no Rio Formoso”, de Jayme Griz**, analisa o espaço no conto “Assombração no Rio Formoso”, presente na obra *O*

*Cara de Fogo*, do escritor Jayme Griz, à luz das discussões sobre o fantástico efetuadas por David Roas, revelando, na matéria ficcional, relações sociais conflituosas diante da possibilidade de existência de um mundo ameaçado pela lógica racional.

A escritora Clarice Lispector também passou pelo gênero. Em **O fantástico angustiante de Clarice Lispector no conto *A mensagem***, Taynan Leite da Silva observa o insólito a partir de elementos grotescos e simbólicos presentes na enigmática figura de uma casa velha que se confunde com uma esfinge. Salientando outra perspectiva muito comum no fantástico, o ensaio **A face do medo: uma análise do conto *O dragão chinês*, de Augusta Faro**, de Cristina Loff Knapp, traça um interessante panorama dos estudos mais relevantes realizados sobre o fantástico para desvendar a latência do medo e da loucura no conto. A temática do medo comparece novamente no artigo **Entre portas e paredes: o fantástico em dois contos de Dino Buzzati**, no qual o leitor encontra uma criativa interpretação, de Claudia Fernanda de Campos Mauro e por Vanessa Matiola, dos contos “Eppure battono alla porta” (“Contudo, batem à porta”) e “I topi” (“Os ratos”), do escritor italiano Dino Buzzati, em que o fantástico modal é discutido.

Em toda publicação que se queira relevante para os estudos sobre literatura fantástica, não podem faltar investigações sobre os contos de Edgar Allan Poe. Leonardo Brandão de Oliveira Amaral e Edson Martins propõem uma discussão teórica entre Tzvetan Todorov e David Roas, considerando o modo composicional utilizado pelo contista, em **Poe, os limites entre o fantástico e o estranho e um debate a partir de Todorov e Roas**. Já Murilo Cavalcante Alves une a estratégia fantástica à investigação filosófica ao analisar o processo de individuação em “William Wilson” no ensaio **A metamorfose do eu em William Wilson ou a narrativa de uma individuação fracassada**. Finalizando os estudos sobre o escritor americano, Sérgio Gabriel Muknicka examina a presença feminina em **A poética do assombro: as mulheres em contos de Poe**.

Fecham a seção dois artigos relacionados à recriação da Idade Média. No primeiro, **O maravilhoso na literatura tolkieniana: um olhar sobre a modernidade**, a obra mais conhecida de J. R. R Tolkien, *O senhor dos anéis*, é analisada por Desiree Bueno Tibúrcio e por Sebastião Bonifácio Júnior, considerando a confluência do gênero maravilhoso na modernidade como meio de expressão crítica do autor. No outro estudo,

intitulado **Em castelos vazios: Medievalismo e romantismo em “As Canções Solitárias de Laren Dorr” e “Nas Terras Perdidas”, de George R. R. Martin**, os autores Arthur Maia Baby Gomes e Gabriela Pirotti Pereira discutem como a Idade Média é revisitada em uma versão adaptada à contemporaneidade.

Ao todo são dezesseis trabalhos, reunidos nesta seção temática, que exploram de modo amplo e criativo as mais diversas manifestações da literatura fantástica, atualizando, ao jogar novos olhares sobre textos já conhecidos, os contos tradicionais, e salientando a versatilidade deste gênero, modo ou recurso estético, ao discutir sua presença em obras recentes.

Por fim, para finalizar este dossiê de modo inédito, a *Entrelaces* oferece uma novidade especial, além dessa interessante gama de artigos e reflexões já apresentados, realiza a união entre as seções RESENHAS e TRADUÇÕES ao publicar a tradução de Charles Kiefer das três resenhas de Edgar Allan Poe sobre a obra *Twice-told tales*, de Nathanael Hawthorne. Nessas resenhas, o famoso contista desenvolve concepções acerca da composição ou estrutura de narrativas curtas, que constituem uma verdadeira *teoria do conto*. Encerra esta especial inovação a entrevista realizada com o premiado escritor Charles Kiefer, tradutor deste trabalho essencial, tanto para o estudo do fantástico e do conto quanto da sempre instigante produção de Edgar Allan Poe.

Acreditamos, pois, ter apresentado uma contribuição válida para os estudos sobre o fantástico, como também para a difusão de obras e autores ligados à temática, conhecidos ou não, do interesse de todos que apreciam a literatura.

Boa leitura!

## Referências

BESSIÈRE, Irène. **Le récit fantastique** - La poétique de l'incertain. Paris: Larousse, 1974.

\_\_\_\_\_. O relato fantástico: forma mista do caso e da adivinha. **Revista FronteiraZ**. São Paulo. n. 9, p. 305-319, dez. 2012.

CAMARANI, Ana Luíza S. **A literatura fantástica**: caminhos teóricos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

CASARES, Adolfo Bioy. Prólogo. In: \_\_\_\_\_; BORGES, Jorge Luis; OCAMPO, Silvina

- (Org.). **Antología de la literatura fantástica**. 5.ed. Buenos Aires: Debolsillo, 2009.
- CESERANI, Remo. **O fantástico**. Trad. Nilton Tripadalli. Curitiba: Ed. UFPR, 2006.
- CHIAMPI, Irlemar. **O realismo maravilhoso: Forma e ideologia no romance hispanoamericano**. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- FURTADO, Filipe. **A construção do fantástico na narrativa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.
- \_\_\_\_\_. Fantástico (Modo); Fantástico (Gênero). In: CEIA, Carlos (Org.). **E-dicionário de termos literários**. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/fantastico/>. Acesso em 04 de julho 2020.
- GAMA-KHALIL, Marisa M.. A literatura fantástica: gênero ou modo?. **Terra Roxa e Outras Terras**. Londrina, v. 26, nº. 1, p.18-31, dez. 2013.
- \_\_\_\_\_. Real maravilhoso. In: REIS, Carlos; ROAS, David; FURTADO, Filipe; GARCÍA, Flavio; FRANÇA, Júlio (Ed). **Dicionário Digital do Insólito Ficcional**. Rio de Janeiro: Dialogarts. Disponível em: <http://www.insolitoficcional.uerj.br/site/r/real-maravilhoso/>. Acesso em 06 julho de 2020.
- ROAS, David. **A ameaça do fantástico**. Aproximações teóricas. Tradução de Julián Fuks. São Paulo: Unesp, 2014.
- SECCO, Carmem L. T. R. Prólogo. In: CARDOSO, Boaventura. **Mãe, materno Mar**. Porto: Campo das Letras, 2001.
- SIQUEIRA, Ana Márcia A. A linguagem fantástica em “Coisas” - A rebelião necessária. **ABRIL - Revista do NEPA/UFF**. Niterói, v.10, n.20, p. 109-125, jan.-jun. 2018.